

Valor(es) em contextos globalizados: da teoria antropológica de David Graeber às culturas de acumulação contemporâneas



367

Graeber, David. 2001. *Toward an anthropological theory of value: the false coin of our own dreams*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan.

ISBN: 978-0312240455, 350 pp., \$60,43

Angosto-Ferrández, L. F.; Presterudstuen, G. H. (eds.). 2016. *Anthropologies of value: cultures of accumulation across the Global North and South*. Londres, Pluto Press.

ISBN: 978-0745336633, 248 pp., \$61

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-7982_41_21

O campo das chamadas “economias alternativas” ou “outras economias” fornece matéria fértil para fomentar uma importante reflexão sobre a pluralidade que a noção de *valor* pode adquirir. As “cooperativas integrais”, um modelo de cooperativa multisectorial que “possibilita a execução das mais variadas atividades necessárias ao viver”¹, e que tem constituído o meu foco etnográfico ao longo dos últimos três anos, são um evidente exemplo disso, ao conjugar atividades económicas direccionadas para o mercado com práticas que visam a manutenção

da comunidade, baseadas numa ética de solidariedade que escapa às conceptualizações economicistas da natureza humana. Este ensaio parte da necessidade de encontrar bases teóricas para lidar com essa pluralidade de formas de valorizar a atividade humana e os produtos que dela derivam, pretendendo contribuir para estimular o diálogo antropológico sobre os mecanismos sociais que guiam a atividade humana e que, portanto, estão na base de todas as relações de poder que estruturam a nossa sociedade.

A primeira secção consiste numa revisitação à obra *Towards an anthropological theory of value: the false coin of our own dreams* (2001), de David Graeber, que

¹ <https://redcoopintegral.org/cooperativas-integrais/>. Acedido a 21/10/2024.

tem por mérito recolocar o conceito de “valor” no centro dos debates da antropologia económica, incorporando uma crítica exaustiva das abordagens anteriores e prestando uma contribuição frutífera para o sua aplicação intercultural. Na segunda secção, a proposta de Graeber será então articulada com alguns conteúdos apresentados no livro *Anthropologies of value: cultures of accumulation across the Global North and South* (2016), uma coletânea de textos etnográficos que reflete essencialmente sobre dois aspetos da globalização: a expansão dos processos de mercantilização e as respostas culturalmente mediadas a tais forças sistémicas. O objetivo principal deste ensaio é refletir sobre a pertinência da proposta teórica de Graeber para a análise de contextos sociais profundamente marcados pela globalização.

*

Em *Towards an anthropological theory of value: the false coin of our own dreams* (2001), David Graeber procura sistematizar e sintetizar várias ideias em torno do conceito de *valor* que marcaram a história da antropologia. Colocando Karl Marx (1976 [1867]) em diálogo com Marcel Mauss (1988 [1925]), o autor propõe-se desenvolver uma teoria do valor com aplicação intercultural que desnaturaliza a centralidade do valor de troca como alicerce das relações económicas. Graeber acreditava que tal teoria permitiria “passar da compreensão de como as culturas de-

finem o mundo de formas radicalmente diferentes... para como, ao mesmo tempo, definem o que este tem de belo, ou proveitoso, ou importante”. Por outras palavras, “ver como o significado... se converte em *desejo*” (Graeber, 2001: ix).

Na sua perspetiva, o valor é “a forma como as ações se tornam significativas para os atores ao serem colocadas num todo social mais amplo, real ou imaginário” (Graeber, 2001: 254). O valor seria, portanto, aquilo que orienta as ações humanas dentro de tal totalidade, definindo o que é socialmente válido no seu seio. Essa totalidade funcionaria como um público que habita a imaginação do agente, influenciando as suas ações independentemente de assumir manifestação física. Deste modo, o valor é colocado na intersecção entre agência (vontade individual) e estrutura (contexto social). Em suma, o valor é entendido como uma constante negociação entre, por um lado, significados e aspirações projetados pelo indivíduo e, por outro, forças sistémicas e quadros normativos impostos pela sociedade. No entanto, embora reconheça a importância do valor para a manutenção da ordem social, Graeber tende a focar-se no seu potencial para *estimular subversivamente a imaginação social*. Como tal, o valor é concebido como um processo dialético em movimento que influencia forças sociais, gerando tanto tendências como contratendências.

À semelhança de teóricos influenciados pelo estruturalismo (em particular, Dumont (1980 [1966]; 1982), Graeber

constata que a valorização implica classificar ações e produtos da criatividade humana consoante o seu grau de importância num determinado contexto social. Por outro lado, reconhece que nem todos os valores são sujeitos a relações de equivalência. Pelo contrário, seria o dinheiro que, ao funcionar como agente intermediário, permitiria estabelecer a divisão entre *valor* – o custo das mercadorias – e *valores* – noções sobre o que é importante na vida. O termo “valor” seria usado no singular quando algo se apresenta como *suscetível de ser traduzido em quantias de dinheiro*, o que permite estabelecer *equivalência* entre coisas totalmente diferentes em termos qualitativos. Como Marx demonstrara, subjacente ao valor de troca de uma mercadoria encontra-se a quantia de trabalho necessária para produzi-la (Marx, 1976 [1867]: 293-295), ainda que se tratando de formas de trabalho qualitativamente diferentes. Como substância comum a todas as mercadorias, o trabalho confere-lhes *comensurabilidade*. Os *valores*, pelo contrário, são caracterizados pela ausência de uma medida de equivalência: não podem ser convertidos em dinheiro (Graeber, 2001: 224). Isto sucede porque os valores, no plural, tendem a reproduzir-se no seio de relações sociais não mercantilizadas, ou seja, não mediadas por dinheiro, tais como as que se baseiam em laços afetivos (familiares, amorosos, de amizade ou de solidariedade). Num texto posterior, Graeber chega mesmo a sugerir que “aquilo que é descrito na literatura marxista como ‘trabalho reprodutivo’ [tarefas domésticas,

cuidados infantis, educação, etc.] deve ser visto... como a forma mais elementar de trabalho produtor de valor *real*, o próprio núcleo e essência da vida criativa humana” (Graeber, 2013: 224).

*

O livro *Anthropologies of value: cultures of accumulation across the Global North and South* (2016) apresenta um conjunto de textos etnográficos suscetíveis de estabelecer profundos diálogos com a proposta teórica de David Graeber. Como um todo, esta obra coletiva procura explorar a intersecção de dois processos sociais inter-relacionados: por um lado, a projeção do valor de troca em cada vez mais aspetos da vida social; por outro, o modo criativo como as comunidades respondem a essa força sistémica.

Na introdução à obra, Angosto-Ferrández, coorganizador do livro, afirma que as teorias do valor com que os diversos autores dialogam ao longo do livro permitem abrir caminhos “para compreender as bases das interligações, continuidades e transformações dos agregados sociais dentro de um mundo parcialmente organizado pelo capitalismo globalizado” (*ibidem*). Se, por um lado, a teoria contribuiria para revelar os mecanismos, acionados pelas forças totalizantes do sistema capitalista, que levam à crescente mercantilização da vida social, por outro, a investigação etnográfica permitiria desvendar as formas como diversas comunidades lidam com essas forças

por intermédio de padrões culturais e formas de sociabilidade específicos.

Angosto-Ferrández revisita várias abordagens antropológicas em torno do conceito de “valor”, reconhecendo que as próprias formas como o valor é articulado permitem responder a diferentes tipos de questões. O autor observa que, entre as décadas de 1970 e 1990, o estudo do valor tendeu a transitar de temas como a hierarquia e a exploração, tão caros à tradição marxista, para questões de identidade, sociabilidade e agência, deixando de se focar nas relações de desigualdade ao longo de processos produtivos para se tornar um meio de compreender e explicar a diversidade e a similitude entre diferentes grupos sociais. Segundo Angosto-Ferrández, um dos principais responsáveis por recuperar o potencial do conceito de “valor” para revelar assimetrias de poder fora Terence Turner (2008), uma das principais influências de David Graeber. Colocando uma grande ênfase na noção de “agência humana” – resultante de uma tensão criativa entre dimensões subjetivas e objetivas, materiais e ideais, individuais e sociais – e partindo do princípio de que todas as sociedades desenvolvem atividades produtivas para satisfazer as suas necessidades, Turner propõe utilizar o conceito de valor para revelar as relações de exploração que tendem a emergir entre os grupos sociais que detêm o controlo dos principais meios de produção e os que permanecem despojados de tais meios. Turner verifica que, em praticamente todas as sociedades, o

excedente da produção tende a ser apropriado pelos grupos sociais dominantes “não apenas como produto bruto, mas numa forma de valor” (Turner, 2008: 45) que difere consoante a sociedade.

Não obstante a sua importância, Angosto-Ferrández considera a abordagem de Turner problemática – à semelhança da proposta de Graeber – por tender a olhar para as “culturas” ou “sociedades” como totalidades circunscritas “dentro das quais operam quaisquer princípios organizadores do ‘valor’” (Angosto-Ferrández, 2016: 13), o que as tornaria pouco adequadas para analisar contextos marcados pela globalização. Como tal, seriam incapazes de explicar as causas que motivam a mudança social estimulada pelo intercâmbio cultural e tenderiam a obscurecer os processos através dos quais as pessoas se adaptam, resistem e tentam suprimir certas forças sociais, inclusive aquelas que incitam à mercantilização de tudo.

A minha leitura de *Towards an anthropological theory of value* (2001) leva-me a diferentes conclusões. Embora Graeber tenha apresentado poucos exemplos concretos de como a sua teoria antropológica do valor pode ser aplicada ao estudo de processos de globalização, parece-me que a sua noção de “totalidades imaginárias” não é equiparável à ideia de uma cultura circunscrita. Pelo contrário, parece-me que esta conceptualização pode ser particularmente útil para o estudo de contextos sociais marcados por sistemas conflituantes de valor, nomeadamente por admitir que as nossas ações

possam ser dirigidas a públicos diferentes consoante a sua natureza, significância e impacto pretendido. No contexto de uma cooperativa, por exemplo, uma proposta pode ser desenvolvida tendo em conta a reação dos consumidores da sua loja, enquanto outra proposta pode visar todos os seus membros – incluindo produtores, prestadores de serviços e membros da direção – ou entidades externas. O próprio Angosto-Ferrández conceptualiza a economia mundial como uma “esfera totalizante” (Angosto-Ferrández, 2016: 15) que, ainda assim, admite a coexistência de uma diversidade de esferas culturais que se sobrepõe e se influenciam mutuamente, servindo de base para formas plurais de valorização. Nesse sentido, parece-me que as visões de ambos os autores convergem.

Anthropologies of value fornece uma panóplia de exemplos de como o estudo do valor pode revelar aspetos sociais profundos e dificilmente perceptíveis, nomeadamente as relações de poder subjacentes a qualquer estrutura social. Procurando compreender “como formas culturais operam na mediação de relações sociais concretas” (Angosto-Ferrández, 2016: 14), partem da análise desse “duplo movimento” caracterizado por tensões criativas entre imposições sistémicas e práticas humanas contracíclicas: por um lado, a mercantilização como um processo ubíquo; por outro, a resistência criativa e culturalmente mediada que se exprime perante tal força coerciva.

No primeiro capítulo do livro, Jane

Horan descreve como, nas ilhas Cook, perante a integração na economia capitalista global, as suas interlocutoras assumem um papel ativo nos processos de mercantilização, explorando o caso da comercialização de *tivaivai*, uma espécie de kilt tradicionalmente utilizado em contextos cerimoniais. A autora explica que, apesar de várias pessoas exprimirem descontentamento pelo facto de este importante elemento ritual ser convertido em mercadoria, a sua comercialização permite conservar a posição social das mulheres que os produzem e vendem, assim como a importância cultural conferida a este objeto, sendo incorporado em sistemas de valor distintos (mercantis e não mercantis). Os dois casos de estudo que se seguem no livro, ambos localizados na Papua Nova Guiné, ilustram como os elementos que associamos às sociedades capitalistas podem ser “domesticados” ou adaptados a contextos sociais específicos: a adoção do dinheiro como elemento ritual, exprimindo a sua importância para a manutenção da proximidade social (Barnett-Naghshine, capítulo 3), e a introdução de um esquema Ponzi cujo sucesso é atribuído ao facto de apelar a dois modelos identitários que se tornam cada vez mais populares como resultado da globalização – o do empreendedor económico e o do cristão com autocontrolo moral –, apresentando uma narrativa capaz de articular salvação religiosa, desenvolvimento nacional e lucro individual (John Cox, capítulo 2). O estudo do valor demonstra-se parti-

cularmente útil para analisar relações de propriedade, seja aplicado à transformação e comercialização de propriedade coletiva em Fiji, por exigência do “desenvolvimento socioeconômico” e sob pressão da indústria turística, com profundas implicações ontológicas para um povo que mantinha laços umbilicais com esses territórios (Presterudstuen, capítulo 4); à liberalização parcial do mercado de arrendamento em Cuba, que se mantém incorporada em redes de relações sociais não mercantis, atribuindo um forte teor moral à atividade comercial (Gold, capítulo 6); à mercantilização de cascatas na Gran Sabana da Venezuela, em que o povo Pemon participa ativamente como forma de mitigar os efeitos negativos de um processo histórico de expropriação (Angosto-Ferrández, capítulo 5); ou o sistema de quotas de pesca, que ilustra como a combinação da ideologia neoliberal com a financialização do capitalismo impulsionou processos de despojo sobre comunidades piscatórias, traduzidos num profundo sentimento de perda, não apenas de meios de subsistência, mas de toda uma forma de vida (McCormack, capítulo 8).

Um contributo etnográfico particularmente esclarecedor para a minha investigação sobre cooperativas incide sobre a cantina anarquista *Food Not Bombs*, em Seattle, e a prática de *dumpsper diving* (Giles, capítulo 9). Este movimento recupera e utiliza a comida que é descartada por superfícies comerciais como declaração política pelo acesso à alimentação e

pela redistribuição alimentar. Giles convida-nos a pensar, não só sobre os múltiplos circuitos em que um mesmo bem pode ser introduzido² e nos diferentes sistemas de valor que podem regê-los, mas também sobre as contradições da própria cadeia de valor capitalista, que anula o valor de troca de um alimento apesar de este poder ser vendido e consumido, apresentando o desperdício – a que chama “capital abjeto” – como um elemento fundamental na contínua produção e expropriação de mais-valia (*surplus value*) que caracteriza o capitalismo contemporâneo. Complementarmente, White alerta-nos para o modo como certos bens transitam entre “regimes de valor” (cf. Appadurai 1986) (capítulo 7), explorando os relatos da Expedição Transatlântica Imperial de Ernest Shackleton, realizada em 1914, e a maneira como os pinguins passaram de fonte de alimento para náufragos a alvos de consumo visual em exposições museológicas. Por fim, numa época em que as universidades se assemelham cada vez mais a empresas, convertendo a educação académica em mercadoria, Thompsett (capítulo 10) explora outras formas de valorizar a partilha de conhecimento, focando-se na emergência de projetos de “universidade livre” na Austrália, Canadá, México e E.U.A., que proporcionam educação gratuita, aberta a qualquer pessoa e isenta de afiliação estatal.

² Algo semelhante é feito em Portugal pela cooperativa Fruta Feia, que recupera alimentos rejeitados pelas superfícies comerciais devido ao seu aspeto, distribuindo-os através de circuitos alternativos.

Em *Anthropologies of value* convergem várias investigações sob a pretensão de que analisar como as tensões entre forças sistêmicas e a resistência humana são experienciadas por pessoas em diferentes partes do mundo permite abrir “vias estimulantes para refletir sobre como criar melhores futuros no mundo globalizado” (Angosto-Ferrández, 2016: 16). Consonante com esta observação, David Graeber declara que “a derradeira liberdade não é a liberdade de criar ou acumular valor, mas a liberdade de decidir (coletiva ou individualmente) o que faz com que a vida valha a pena ser vivida” (Graeber, 2001: 88). Ambos livros reconhecem, portanto, que colocar o conceito de valor no centro da análise antropológica não só permite revelar importantes aspectos da sociedade, como é também essencial para sermos capazes de imaginar um mundo além do capitalismo. E, como Angosto-Ferrández também sugere, a antropologia está numa posição privilegiada para demonstrar que a vida social pode ser substancialmente diferente: “se há algo que os antropólogos entendem por natureza humana é precisamente o potencial para a criação social e cultural, que está sempre relacionada com o potencial de transformação política” (Angosto-Ferrández, 2016: 2).

Referências bibliográficas

Angosto-Ferrández, L. F. 2016. *In*: Angosto-Ferrández, L. F.; Presterudstuen, G. H. (eds.). *Anthropologies of value: cultures of*

accumulation across the Global North and South. Londres, Pluto Press: 12–28.

Appadurai, A. 1986. Introduction: commodities and the politics of value. *In*: Appadurai, A. (ed.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge, Cambridge University Press: 64–92.

Dumont, L. 1982. On value. *Proceedings of the British Academy*, 66: 207–241.

Dumont, L. 1980 [1966]. *Homo hierarchicus: the caste system and its implications*. Chicago, University of Chicago Press (From French edition of 1966).

Graeber, D. 2013. It is value that brings universes into being. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2(3): 219–243.

Marx, K. 1976 [1867]. *Capital*. Vol. 1. London, Penguin Books.

Mauss, M. 1988 [1925]. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Edições 70.

Turner, T. 2008. Marxian value theory: an anthropological perspective. *Anthropological Theory*, 8(1): 43–56.

Luís Filipe Olival

CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia

Departamento de Ciências da Vida

Universidade de Coimbra

filipeolival@disroot.org

Orcid: 0000-0001-6716-5991